

## Dossiê Jardins de Burle Marx

**JOELMIR MARQUES DA SILVA\***

**ANA RITA SÁ CARNEIRO\*\***

**LÚCIA MARIA DE S. C. VERAS\*\*\***

**(Organizadores/as)**



\* **JOELMIR MARQUES DA SILVA** é Biólogo, Mestre e Doutor em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Diseño, Planificación y Conservación de Paisajes y Jardines pela Universidad Autónoma Metropolitana unidad Azcapotzalco (UAM-México). Professor da Graduação em Arquitetura e Urbanismo e pesquisador do Laboratório da Paisagem, ambos da UFPE. Membro do Comitê Internacional de Paisagens Culturais (ISCCL/ICOMOS-IFLA).



\*\* **ANA RITA SÁ CARNEIRO** é Arquiteta, Mestre em Desenvolvimento Urbano pela UFPE e Doutora em Arquitetura pela Oxford Brookes University. Professora titular e coordenadora do Laboratório da Paisagem da UFPE. Atua na Graduação em Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, ambos da UFPE. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Membro do Comitê Internacional de Paisagens Culturais (ISCCL/ICOMOS-IFLA) e da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas (ABAP).



\*\*\* **LÚCIA MARIA DE S. C. VERAS** é Arquiteta, Pós-doutora pela Universidad Autónoma Metropolitana unidad Azcapotzalco (UAM-México), Doutora em Desenvolvimento Urbano e Mestre em Geografia, ambos pela UFPE. Professora da Graduação em Arquitetura e Urbanismo e vice-coordenadora do Laboratório da Paisagem, ambos da UFPE.

---

No ano de 2007, foi formalizado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) o grupo de pesquisa “Jardins de Burle Marx”, liderado pelo Laboratório da Paisagem do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pelo Laboratório de Estudos em Arquitetura e Urbanismo (LEAU) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Desde então, o grupo vem somando pesquisadores de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia, Ceará, Rio de Janeiro, Maranhão, Piauí, além do México e Argentina, que multiplicam possibilidades de olhares, descobertas e interesses sobre a obra e o pensamento de um paisagista moderno genuinamente brasileiro.

Nesse processo, cada vez mais, os horizontes se desdobram porque são inúmeros os caminhos que diferentes abordagens descortinam, frutificadas entre o ato de se refletir a cidade (o pensar da academia) e o fazer a cidade (a prática das instituições públicas gestoras). Aqui e acolá, entre um e outro, consolida-se o avançado propósito de Burle Marx que ao tratar o jardim moderno, numa perspectiva tropical, expunha que os jardins deveriam ter princípios de higiene, educação e arte. À higiene, associava a função de oxigenar a cidade, como um verdadeiro pulmão que fornecia à população espaços com ar puro para se viver melhor. À educação, associava o objetivo de oferecer às pessoas um pouco de amor pela natureza, a partir da compreensão da importância dos jardins para o ser humano, tanto para suprir necessidades de conforto e bem-estar físico quanto para possibilitar o bem-estar psíquico consequente da fruição da

beleza. E por fim, para a arte em si, reconhecia que o jardim deveria obedecer a uma ideia básica, com perspectivas lógicas e subordinado a uma determinada fórmula de conjunto, condição para que fosse compreendido como uma totalidade, uma unidade.

Do conjunto da vasta obra paisagística de Burle Marx no Brasil, três projetos se destacam. Dois deles estão entre os primeiros jardins públicos modernos do Brasil: Praça Euclides da Cunha (1935) e Praça de Casa Forte (1935) ambos localizados na cidade do Recife; e o Parque do Flamengo (1965), no Rio de Janeiro, por sua dimensão e escala urbana, considerado por Burle Marx como uma de suas obras-primas e que é mundialmente reconhecido.

A associação entre arte e natureza, entre o artificial e o natural, constituiu a matriz de criação de Burle Marx. As características plásticas e estéticas das espécies vegetais empregadas pelo paisagista conferem aos seus jardins ambientes singulares que representam macropaisagens com toda sua beleza, até mesmo porque a planta para Burle Marx “[...] não é somente rara, inusitada ou destinada a desaparecer – porque também é cor, forma, volume ou um arabesco em si mesma.”<sup>1</sup>

Ao colocar como prioridade o valor de observar e de ver os ecossistemas brasileiros, Burle Marx, com seu olhar de artista – e também com o filtro da fitoassociação –, trouxe a diversidade de plantas para os jardins. Estes jardins trazem consigo significados que devem ser respeitados e conservados para que as novas gerações tenham o direito de usufruir destas obras de arte e que

<sup>1</sup> CORREIO DA MANHÃ. *Burle Marx e a renovação do jardim*. 18.07.1962, p. 1.

continuem desempenhando sua função higienizadora, artística e cultural, bem como sejam sítios de preservação de espécimes vegetais e do bom gosto, como bem intencionou o paisagista na década de 1930.

A seleção dos jardins para compor este Dossiê, ainda que tenha privilegiado uma pequena amostra nesse momento, comparando-se ao amplo conjunto de projetos de Burle Marx – que se aproxima de 2.500 espalhados pelo Brasil e no exterior –, revela o arco de atuação do paisagista, bem como configura-se como uma forma de evidenciar a história do paisagismo moderno brasileiro. Na contramão do que seria uma pequena amostra, está a construção de um longo caminho com inúmeros outros trabalhos sobre o legado que deixou no Brasil, merecedor de muitos outros estudos e futuros possíveis dossiês.

O jardim como bem comum paisagístico que agrega saberes artísticos, filosóficos e científicos, foi aqui dissecado em dois blocos de interesse: aqueles localizados na cidade do Recife, berço dos primeiros jardins públicos de Burle Marx e fora do Recife, um de prestígio internacional e outro, que não saiu do papel, mas apresenta-se com grande potencial para ser executado. Neste conjunto, seis palavras-chave costuram o percurso entre artigos: (1) aprender, (2) ousar, (3) restaurar, (4) conservar, (5) implantar e (6) conceber. Cada um dos seis artigos explora o pensamento e a ação, o processo e a execução, pelas frestas que estas palavras-chave prenunciam e insinuam entre si.

Com o artigo *Os personagens principais da trajetória botânica de Roberto Burle Marx*, Rúbia Ricceli Pira

Santana Moreira abre este dossiê explorando o “**aprender**” em Burle Marx. Aqui está presente aquilo que caracterizou o paisagista desde criança: a curiosidade pela vegetação, que evoluiu para a curiosidade e aprendizagem sobre a flora brasileira, despertada pela convivência com biólogos, botânicos e naturalistas, entre eles, o botânico Mello Barreto que deixou marcas profundas em sua forma de pensar, desenhar e construir jardins.

Nos anos 30 do Século XX, associa-se a estes primeiros ensinamentos a sensibilidade artística e o engajamento de Roberto Burle Marx no Movimento Moderno que buscava definir uma cultura brasileira e lhe mostrou que era possível “**ousar**”, ao introduzir na paisagem de uma cidade litorânea, o imaginário de uma paisagem sertaneja. A criação de um jardim “essencialmente brasileiro” é o que explora Gisele Machado de Amorim, no artigo *Sertaneja e moderna – Burle Marx e a concepção da Praça Euclides da Cunha*.

O “**restaurar**” é trazido por Joelmir Marques da Silva e Ana Rita Sá Carneiro com a discussão em *Restaurando jardins d’água na Praça de Casa Forte*. O artigo aborda o processo de restauro dos jardins d’água visando à busca dos atributos que confirmem a permanência da ideia do paisagista como imagem do bem patrimonial.

Fechando o olhar sobre o Recife, o “**conservar**” foi tratado por Lúcia Maria de S. C. Veras e Onilda Gomes Bezerra, ao discorrer *A gestão da conservação dos Jardins de Burle Marx no Recife*. Partem da certeza de que “não há proteção sem gestão, assim como não há gestão sem que os gestores

se apropriem conceitualmente do bem, dos seus valores e do que seja gerir um patrimônio, e, no caso do jardim, um patrimônio vivo”. Apontam para isso a necessária elaboração dos Planos de Gestão da Conservação que inclui a definição de indicadores da conservação e de estratégias de ação de educação patrimonial.

O “**implantar**” é trazido por Paulo José L. Nobre e Marizo Vitor Pereira, com o artigo *O Projeto de Roberto Burle Marx para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte: a pesquisa e a preservação da memória*. Propõe-se aqui executar o projeto paisagístico de Roberto Burle Marx para o Jardim do Pátio Interno da Biblioteca Central da UFRN, datado de 1976, que não saiu do papel. Com potencial para ser implantado, discute-se as atuais circunstâncias pelas quais novas demandas podem afastar a possibilidade de se resguardar um projeto inédito do paisagista na cidade de Natal, no momento em que a UFRN comemora seu aniversário de sessenta anos.

O dossiê é encerrado com o “**conceber**”, no artigo *Roberto Burle Marx e o Parque do Flamengo: Saberes e prática paisagística*, de Alda de Azevedo Ferreira, que reúne o percurso do paisagista – aprendizado e concepção –, no processo de criação de um dos seus mais relevantes projetos paisagísticos da modernidade. Sendo referência internacional, a autora explora o processo de concepção do Parque, refletindo sobre os conhecimentos e vivências que embasaram e foram condição para o seu desenvolvimento e implantação.

O Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco, junto com os pesquisadores aqui participantes e associados ao Grupo de Pesquisa do CNPq – Jardins de Burle Marx –, deseja a todos que os olhares sobre Burle Marx e sobre a importância dos jardins nas cidades se multipliquem e que esta leitura possa alimentar este aprendizado!

*Recebido em 2019-01-02  
Publicado em 2019-02-06*